

## VELHA FACA

Apparício Silva Rillo

Um palmo e pico de aço,  
rude e glorioso pedaço  
da espada de um general.  
Cabo de prata estrangeira  
- velha faca brigadeira  
que nunca me deixou mal.

Nesse tempo eu era moço,  
não tinha o sangue tão grosso  
nem a memória tão fraca.  
Índio gaudério sem marca  
era maior que um monarca  
quando empunhava essa faca.

Mas não era compra-briga,  
desses que enchem a barriga  
em bochinchos de galpão.  
Mui amigo do sossego  
não arriscava o pelego  
em "rolos" sem precisão.

Mas quando lá volta e meia  
me entreverava em peleia  
por honra ou obrigação,  
afrontava qualquer risco  
e essa faca era um corisco  
brigando na minha mão.

Sei que há quem ria disso:  
- a faca tinha feitiço,  
coisa botada, sei lá!  
Se escapava da bainha  
e ia brigar sozinha  
se eu deixasse ela brigar!

Mas Dom Tempo barbaçudo  
que dá sumiço em tudo,  
coisa viva e coisa morta,  
foi-se chegando ronceiro,  
cruzou sem pressa o terreiro,  
passou depois pela porta.

Quantas vezes já nem lembro,  
vi enfeitar-se setembro  
com as flores roxas do ipé.  
Do moço de antigamente  
resta este trapo de gente

que mal e mal fica em pé...

E a velha faca amigaça  
me acompanhou na desgraça,  
me aparceirou na miséria.  
- Extraviada da bainha,  
ainda lá pela cozinha  
nas mãos da negra Quitéria.